

Resenha do livro: OMENA, Luciane Munhoz de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Orgs). **Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano**. Jundiaí, Paco Editorial. 2016.

Marco Antonio de Moraes Junior¹

A obra *Práticas Funerárias no Mediterrâneo Romano*, cujos organizadores são Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo Abreu Funari, nasceu das pesquisas de pós-doutorado de Omena, realizado sob a orientação de Funari. A obra é organizada em oito artigos, escrito por pesquisadores da área de História, de forma a reunir estudos e expandir o conhecimento sobre o tema. A preocupação com a análise e exposição das fontes e a sua contextualização é evidente na obra, interessada em mostrar o valor que era dado aos sepultamentos e monumentos funerários nos períodos estudados, e como essas fontes ajudam o historiador a compreender a “experiência social da morte e suas respectivas simbologias” (p. 12).

De modo a elucidar a importância dos estudos sobre a morte, o prefaciador Airton Pollini inicia com a menção a duas das mais antigas e célebres obras da literatura grega voltadas à questão da morte, da boa morte, aquela ocorrida no campo de batalha - a *Ilíada*, de Homero, e a *Antígona*, de Sófocles, e constituem os mais antigos testemunhos dos quais dispomos. Polini, reconhece, entretanto, que as próprias tumbas são os melhores registros para se analisar o tema da morte no mundo clássico.

Destaca as diferentes tradições metodológicas usadas desde o século XIX para a análise do ritual da morte na antiguidade, considerando a tradição francesa da “*école de Paris*”, a pós-processual, aplicada pelos falantes de língua inglesa, e a mais recente, que procura proceder a uma “análise global” ao incluir todos os aspectos que podem ser percebidos em um contexto funerário. Enfatiza que as pesquisas apresentadas nesta obra seguem as metodologias pro-

¹ Graduando em História pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru – São Paulo. Resenha realizada sob orientação da Prof.^a Dr.^a Lourdes M. G. Conde Feitosa.

postas pelas duas últimas perspectivas descritas.

No primeiro capítulo, o autor José Remesal-Rodriguez faz uma análise das relações do direito romano com as práticas funerárias, trabalhando não somente com o direito civil, mas também com o direito sepulcral, uma *lex sacra*, o que significava estar acima do direito civil (p. 28), relacionando-se diretamente com o direito pontifical. Porém, o autor lembra que o império romano abrangia uma vasta quantidade de povos e de culturas diversas e que, através de fatores como o “direito privilegiado” e a “aculturação religiosa” (p.27), abriu-se precedentes para que determinados traços culturais se expandissem para esses outros povos. É observado que, independente do morto ser cidadão ou escravo (que também era uma propriedade), toda tumba era considerada sagrada, considerando a distinção estabelecida pelo direito romano entre o monumento funerário e o sepulcro: “Sacro é, pois, só o lugar exato onde repousam os restos, seja grande ou pequena a tumba” (p. 30). Esta definição abria precedente para que grandes monumentos pudessem ser alterados, vendidos e até mesmo desfeitos, desde que não se violasse o local exato do sepultamento, caso contrário, infringir-se-ia a lei. No que se refere aos enterros, era obrigação do pai enterrar o filho, ou o herdeiro enterrar o testador (p. 36), mas se outra pessoa o fizesse, era passível de pedir ressarcimento pelos gastos que, normalmente, iam escritos nas lápides.

Dois monumentos são instrumentos de análise propostos pela autora Cláudia Beltrão da Rosa, cujo artigo compõe o segundo capítulo. Considera que, para os romanos, o termo memória se associava, muitas vezes, às inscrições funerárias, e que o próprio monumento funerário poderia ser compreendido como um local de preservação da memória (p. 48). Esta tinha um valor social e religioso muito importante para os romanos, segundo a autora.

Esses dois *monumentos ciceronianos* são *monumentos literários* para nós (p. 50), pois são descritos em textos de Cícero (106 A.D. – 43 A.D.), que são: o túmulo de Arquimedes e um *fanum* para Túlia, sua filha. Cícero narra o encontro do túmulo de Arquimedes, que estava em mal estado de conservação e lamenta, já que “perdia seu poder de comemorar Arquimedes e suas criações” (p. 52), mostrando-nos como a memória era importante no contexto social e cultural romano (p.55). O segundo monumento literário é o *fanum*, um monumento privado que Cícero pretendia construir para sua filha Túlia. Através da análise destes escritos, a autora faz uma breve descrição do rito funerário de uma família romana e ressalta o valor romano dado à memória dos mortos, cuja perpetuação “dependia da

existência de descendentes ou de outras pessoas” (p. 59). Explica que o *fanum* era um local de culto e a escolha de um ambiente privado fora de Roma era justamente para tentar ‘driblar’ as leis que proibiam luxo excessivo nos funerais e, talvez, estabelecer o culto a uma nova deusa, Túlia, sua filha.

No terceiro capítulo, Luciane Omena e Pedro Paulo Funari utilizam do *tumulus* de Augusto para relacionar a morte e os *lugares de memória*. Discutem qual era sua importância no mundo romano e também durante o regime fascista italiano e toda a logística do governo de Benito Mussolini (1883-1945) para utiliza-se da localização do *mausoleum* como uma maneira de remeter os cidadãos ao passado glorioso dos romanos. Essa organização em torno dos monumentos era útil para o regime uma vez que “o edifício mortuário torna-se um suporte de reminiscências” (p.77), fazendo com que o local deixasse de ser usado para fins comerciais, pois havia se iniciado investigações arqueológicas e restaurações (p. 83).

Destacam que por meio da estrutura física do monumento e de suas inscrições epigráficas, é possível compreender mais sobre os embates entre Augusto e Marco Antônio. Algumas situações familiares e o próprio rito funerário, que se tornou um mecanismo de poder, são expostos, pois os embates entre os dois também afetaram a linguagem mortuária (p. 87). Através dessas análises, os autores dão diversos exemplos do valor político e social da memória.

No quarto capítulo, a autora Renata Senna Garraffoni discute a importância da cultura material para os estudos sobre a vida e hábitos dos romanos, especialmente das camadas populares. Explicita que alguns estudos realizados por meio dessas fontes ainda “ênfaticam o biológico e as prováveis árvores genealógicas” (p. 105), mas que, atualmente, novas perspectivas têm sido exploradas pelos pesquisadores à medida que se expandem as discussões para as relações culturais e relacionadas ao gênero, por exemplo.

Por meio de fontes literárias e materiais, a autora considera a questão do curso de vida e de suas várias fases, como a infância e a velhice e o seu trato nas relações familiares. As lápides funerárias contêm muitas informações sobre como se davam essas relações, especialmente nos ritos fúnebres e enterros. No capítulo, a autora analisa também as lápides dos gladiadores, por meio das quais é possível encontrar indivíduos (p.116) que tinham vida social e familiar, além dos espetáculos.

No quinto capítulo, em espanhol, Darío Vendramini explora o monumento funerário de Lucio Poblicio, veterano do exército, cujo monumento foi construído na primeira metade do século I

d.C. (p.126), em Colônia. Inicialmente, apresenta alguns detalhes do encontro do monumento e algumas de suas perdas com a segunda guerra mundial. Através de diversas imagens, mostra a reconstrução desse monumento, suas dimensões e também as inscrições que foram preservadas. O autor explicita, também, um debate historiográfico que gira em torno da presença de uma escultura de Enéas no monumento, cujos argumentos são desenvolvidos em torno da comparação e datação das esculturas encontradas no monumento.

Através das inscrições localizadas, é possível ter acesso às informações sobre a vida de Públio, além da proposta de uma nova discussão sobre o valor da cultura escrita romana. Por meio da análise de outros monumentos funerários militares, Vendramini destaca que é possível evidenciar a circularidade da cultura escrita no mundo romano, que não ficou presa à elite, mas difundiu-se nos diversos grupos sociais da sociedade romana (p.145).

No sexto capítulo, de Maria Aparecida de Andrade Almeida e Pedro Paulo A. Funari, a morte é trabalhada sob a perspectiva do Apocalipse de S. João. Iniciam com uma contextualização histórica e referências à literatura apocalíptica, que “costuma apresentar uma ascensão aos céus ou sonhos que mostram visões do presente no céu ou do futuro na terra” (p. 148). São expostos os diversos empregos do termo *inferno* localizados nos vocábulos em grego, conectando-os a outras passagens dos livros do cânon bíblico.

Os quatro *cavalos do apocalipse* são estudados, mostrando referências à suas características no velho testamento. Analisam o que cada cavalo poderia significar no contexto romano, explicitando algumas medidas tomadas pelo império e como foram encaradas pelo povo cristão do período, bem como novas perspectivas do que poderia significar o *mal* apresentado no texto.

Os mártires cristãos e suas práticas funerárias são discutidos no sétimo capítulo por Ana Teresa Marques Gonçalves, especialmente por meio dos escritos de Prudêncio. O capítulo se inicia com a definição de *mártir* e uma análise sobre a construção de Jesus Cristo como um *herói sagrado* (p. 172). Reflete sobre a simbologia dos mártires para os cristãos da Antiguidade Tardia e sua heroificação, contrastando com o modelo de herói clássico: o segundo “nasceria herói, predestinado a grandes feitos”, enquanto o primeiro “realizaria ações heroicas ao abraçar uma concepção de vida contrária ao modelo estabelecido” (p. 173).

Com a análise de *O Livro das Coroas*, de Prudêncio, a autora observa o valor dado aos mártires e aos seus sepultamentos, já que os seus locais de enterramento tornavam-se *lugares de memória*

e de valor simbólico. Gonçalves também destaca alguns exemplos de mártires e as torturas por eles sofridas antes das execuções, que foram eternizadas como exemplos de heroísmo para os cristãos da época.

Ainda refletindo sobre os mártires cristãos, Gilvan Ventura da Silva e Érica Cristhyane Moraes da Silva refletem, no oitavo e último capítulo da obra, o papel das relíquias dos mártires e as relações de poder que se formavam através delas. O mártir estudado foi Bábilas e seu culto na Antioquia do século IV. “Para os cristãos, os restos mortais dos mártires eram tomados como relíquias” (p. 194) e é através do culto dos restos mortais de Bábilas que foi transportado diversas vezes, inclusive pelo imperador Juliano. Isto teria ocorrido devido às intenções políticas do imperador, visto que o mesmo era “adepto do neoplatonismo, vertente do paganismo que unia filosofia e religião (p.205) e que, por isso, defendia a retomada de valores religiosos tradicionais do império, cujas características marcantes eram os sacrifícios, que perdiam adeptos, especialmente pela oposição dos cristãos no século IV.

Outro ponto apresentado na obra foi a utilização dessas relíquias para a promoção episcopal de Melécio, que impulsionou o culto à Bábilas, cuja memória foi também cultuada devido a propriedades mágicas atribuídas ao seu nome (p. 216). Ventura e Silva refletem como a figura dos mártires podia ser usada pelos bispos de modo a propagar modelos de vida nas cidades, cultuando os mártires locais, que “refaziam o mais glorioso dos suplícios: *a passio Christi*.” (p. 217).

Esta obra, portanto, abre diversos caminhos de reflexão sobre os variados papéis atribuídos à morte em períodos distintos da sociedade romana, bem como à sua cultura funerária e a maneira como ela influenciava diretamente no mundo dos vivos. Também é observado a intensificação do uso da epigrafia e da cultura material como importantes documentos para uma melhor compreensão da sociedade romana, em particular a respeito da questão da morte, como é o propósito da obra. Por meio desses documentos é possível romper tradicionais paradigmas e propor novas reflexões.

De linguagem acessível, a obra é esclarecedora e rica de informações. É destinada aos estudantes de graduação em História e áreas afins, a pesquisadores e para todos aqueles que desejam conhecer ou se aprofundar a respeito das práticas funerárias e como elas se relacionavam com os mais variados setores da sociedade romana.

